

Formação de Professores em Medicina

JOÃO GOMES-PEDRO

Resumo

O A. faz uma pequena reflexão sobre o lugar da Educação Médica na história da Educação e define, neste contexto, os fundamentos da necessidade de mudança que consubstanciam os propósitos actuais das Faculdades de Medicina renovadas.

É neste sentido que o A. estrutura a exigência que essa mudança implica num dos objectivos prioritários da Educação Médica e que é a formação dos Professores de Medicina em Educação.

Por último, define o A. o percurso feito nesse propósito na Faculdade de Medicina de Lisboa e em que foi, continuamente, interveniente.

Palavras-chave: Formação; Professores; Educação; Educação Médica.

Abstract

The A. briefly reflects on the place of Medical Education in general history of Education and, in this context, justifies the need for change as one of the priorities of renovated Faculties of Medicine.

In this sense, the A. structures the need for change as one of the main objectives of Medical Education, namely concerning training of Medical Teachers in Education.

Finally, the A. mentions the steps given by the Faculty of Medicine of Lisbon in this direction, for which he has constantly contributed.

Key-words: Training; Teachers; Education; Medical Education.

A preocupação do homem pela Educação, particularmente no que se refere ao ensino dos mais novos enquanto componente de criar e de ajudar a desenvolver, tem o tempo do instinto ou seja o da história da vida humana.

É neste contexto que se deverá entender a preocupação permanente do homem por todas as componentes do compreender, do saber e do transmitir do saber.

A Educação foi sempre e é um fenómeno de inquietação humana e é por isso que é um vector fundamental da cultura e um determinante do progresso.

Curiosamente, o pseudo hiatus entre as preocupações do homem Educador e o modo como arquitecta e organiza essa missão de educar é, fundamentalmente, o da distância que se identifica com o desenvolvimento processual das metodologias e das técnicas, aplicáveis também ao saber educar.

A história da Educação Médica é, na história da Educação, algo de recente e, talvez por isso, incorpore, implícita, na sua filosofia, desde os seus primórdios, esta inquietação, já mentalmente organizada, que é a de aprender a ensinar bem, algo que, também, desde sempre, apaixonou o homem, porventura em função da sua luta pela sobrevivência – tratar.

Tratar, ensinar a tratar e ensinar a ensinar a tratar são competências que andaram sempre juntas desde que a Educação Médica se assumiu como disciplina e, direi mesmo mais, como inspiração das disciplinas do saber médico.

Um outro conceito inerente à própria história da Educação Médica é o de mudança. A filosofia de mudança, implícita a todo o desenvolvimento da Educação Médica, identifica-se sempre com o pressuposto de que a constante necessidade de mudança (implícita ao progresso da Medicina) deveria exi-

gir, contingentemente, uma efectiva mudança nos métodos de ensinar, de modo a garantir uma actualização permanente do saber transmitir o próprio progresso médico.

Cumprir esta actualização exigiu e exige fazer associar Educação ao saber médico.

Foi assim, neste contexto, que ecoaram, quase sempre, nos vazios dos claustros, os apelos feitos gritos dos representantes da Educação Médica.

Atente-se a um pequeno trecho do Relatório final da Comissão Nacional de Educação Médica nos E.U.A., assinado em 1932: «*Presentemente, a capacidade de ensinar não está contemplada nos critérios de selecção do pessoal docente da maioria das Faculdades de Medicina porque, de facto, presta-se pouca atenção à habilitação dos Professores de Medicina na arte de ensinar*». ⁽¹⁾

Noutro Relatório, este da Associação Médica Americana, publicado em 1953, escrevia-se assim: «*A maior necessidade actual das Faculdades de Medicina é a de um pensamento claro e crítico da parte dos homens inequivocamente interessados em Educação Médica, precisando por isso e para isso de perceberem de Educação*».

Todavia, perceber de Educação, o que pressupõe aprender métodos e técnicas pedagógicas, foi sempre e é uma dificuldade circunstancial para os professores de Medicina.

A dificuldade tem várias explicações e não pretendo, de modo nenhum, querer descrevê-las na suposta presunção de saber quais são.

Atrevo-me, no entanto, a ensaiar uma interpretação que julgo fazer sentido no contexto do panorama da evolução do saber médico.

É que, se por um lado, a inovação do saber médico não encontra paralelo nas outras áreas da ciência e da cultura, por outro, as próprias carreiras da vida médica, criando como que uma selecção natural de resistências, condicionaram e condicionam uma sub-consciente pretensão de omnisciência onde não cabem, naturalmente, divagações supostamente menos precisas e interpretadas como menos científicas.

A realidade, porém, revelou aos professores de Medicina, tão habituados e vocacionados para os procedimentos infalíveis porquanto deles depende a vida dos outros, que as tecnologias pedagógicas são elas também científicas, objectivas e, sobretudo, fiáveis.

A coerência, então, tornou-se grito e o grito eco na consciência primeiro de alguns docentes mais responsáveis e depois, na dos gestores e, sucessivamente na dos novos candidatos a mestres da arte médica. Como fazer apetecer saber o que sabemos ser indispensável saber? O desafio de Lyon⁽²⁾, Professor de Fisiologia em Minnesota, lançado em 1916, passou a ser um desafio intemporal: «*Quando é que teremos Escolas Médicas novas com professores a ensinarem-nos a ensinar?*»

Numa hora de mudança e de grande maturidade da Educação Médica em Portugal, impõe-se esta reflexão porque Formação de Professores é, a nosso ver, o segredo da transformação que falta, nas nossas Faculdades de Medicina.

Tenho consciência que a formação de Professores é, de facto, a condição sine qua non de um projecto de mudança.

A minha consciência deste facto provém, também, de constatações vividas.

Em 1987, quando Presidente do Conselho Pedagógico da F.M.L., organizei uma Reunião de três dias, em Sesimbra, em

que estiveram presentes quase todos os catedráticos e regentes das cadeiras e esse encontro foi planificado para que tivesse lugar a discussão do currículo, das metodologias e, também, de alguns projectos de Educação Médica.

Foi em Sesimbra que se falou de Formação de Professores e foi em Sesimbra que saiu a proposta da criação de um Departamento de Educação Médica (DEM) na Faculdade de Medicina de Lisboa.

Estive na sua criação e estou na direcção do D.E.M. e foi do D.E.M. que partiu a organização do primeiro Mestrado em Educação Médica em Portugal.

Em nove anos consumou-se um sonho feito projecto.

Porém, não fica esgotado, com um Mestrado, o objectivo da formação de Professores. Não só estamos preocupados com o problema a nível nacional, mas também entendemos que é preciso estabelecer um plano que viabilize formação contínua e constante sem ser necessário o esforço e a logística que um Mestrado exige.

Formação de Professores de medicina não será propriamente o segredo mágico para o sucesso em Educação Médica; será provavelmente a «password», o que é condição básica para passarmos a operar.

BIBLIOGRAFIA

1. Report of the Council on Medical Education. Future directions for Medical Education. JAMA 1932; 248: 24.
2. LYON EP. The Relation of the Laboratory Courses to the Work of the Clinical Years. JAMA 1916; 66: 631-33.